

– Resenhas –

Comentário bibliográfico

BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo: crítica e autocrítica. Primitivismo, individualismo, caos, misticismo, comunismo, internacionalismo, antimilitarismo e democracia*. [Tradução de Felipe Corrêa e Alexandre de Souza]. São Paulo: Hedra, 2011.

Rafael Zilio

Núcleo de Pesquisas Sobre Desenvolvimento Sócio-Espacial (NuPeD) / UFRJ
rafael.zilio@yahoo.com.br

Trata-se de um livro composto por dois textos de Murray Bookchin: “Anarquismo social ou anarquismo de estilo de vida: um abismo intransponível”, de 1995; e “A esquerda que se foi: uma reflexão pessoal”, de 1991. O livro traz também uma introdução de Felipe Corrêa, onde é oferecido um breve histórico do anarquismo e realizada uma contextualização da vida e da obra de Bookchin a partir de suas contribuições ao pensamento anarquista.

No primeiro texto, Bookchin elabora uma reflexão sobre o que ele chamou de “anarquismo de estilo de vida” (*lifestyle anarchism*), em contraposição ao anarquismo social. Segundo o autor, o anarquismo de estilo de vida se vale não somente de um esvaziamento de conteúdo de ideias anarquistas clássicas como também do abandono de conteúdo programático com vistas à transformação da sociedade. São abordadas e criticadas diferentes “correntes” do anarquismo de estilo de vida, como o anarcoindividualismo, o anarquismo místico e o primitivismo. Para Bookchin, os anarcoindividualistas tiveram pouca influência sobre

a classe operária no fim do século XIX e início do século XX, fazendo uso de extravagâncias individuais, de uma vida boêmia e reivindicativa do “amor livre”, bem como do gosto exacerbado por questões estéticas e comportamentais. Contemporaneamente, os anarcoindividualistas ganham terreno ao deixarem de focar a esfera pública e passarem a sobrevalorizar o ego, o que esvazia o espírito socialista da tradição libertária, deixando de lado uma revolução social e buscando uma “insurreição pessoal”.

Outro ponto importante no texto de Bookchin diz respeito ao sentido do termo *liberdade*. Como a língua inglesa permite a distinção entre *liberty* (associado à “liberdade” do indivíduo) e *freedom* (uma liberdade ampla, ligando o indivíduo à sociedade), o autor faz uso dessa diferenciação para mostrar de que maneira as correntes individualistas do anarquismo privilegiam a busca da “autonomia pessoal”, realizando uma crítica principalmente a Emma Goldman, que vê o anarquismo como a realização desse tipo de autonomia. A partir da crítica a Susan Brown, Bookchin se opõe à falácia

da contradição entre indivíduo e sociedade, sustentando que uma abordagem coletivista do anarquismo não implica uma subordinação do indivíduo, e que um grupo não é simplesmente um conjunto de indivíduos.

Mais à frente, Bookchin aborda as ideias que vinculam o anarquismo com o caos. Para criticar posturas que ele chama de “modernas e *yuppies*”, é realizada uma crítica a Hakim Bey e sua Zona Autônoma Temporária. Para o autor, Bey propõe o abandono da revolução social e a não-confrontação com o poder estabelecido, numa postura apenas de espera e desejo. Bookchin afirma que Bey cria um “mundo de sonhos” governado apenas por amor e feitiçaria, negligenciando assim as ações sociais concretas e libertárias, destacando que Bey considera explicitamente o anarquismo como sinônimo de caos.

O anarquismo enquanto misticismo é retratado por Bookchin como privativo, hedonista, aconchegante e vazio de conteúdo social. A partir do periódico *Fifth State*, o autor se opõe às ideias de que o anarquismo deva se entregar à magia e que esta dissipa o poder, entendendo que estas possuem uma forte base irracionalista e socialmente desmobilizante. Seguem-se a isso posturas antitecnológicas e anticivilizacionais, que enfatizam a tecnologia como tal em detrimento do uso capitalista da tecnologia. Segundo Bookchin, a postura antitecnológica defende a extinção do avanço tecnológico, que por si só seria a causa da exploração ou do desemprego estrutural, sem considerar as relações capitalistas de exploração que se utilizam da técnica como instrumento da dominação capitalista.

A partir das visões antitecnológicas e anticivilizacionais, destacam-se ideias primitivistas, onde o retorno à inocência de uma pré-história é o mote para livrar-se da dominação contemporânea. Para os primitivistas, a raiz dos problemas da sociedade atual está na contaminação das pessoas pelas modernas técnicas e pela civilização em geral. Nesse sentido, a busca por um “paraíso” perdido e por uma involução histórica é o foco dessa corrente. Bookchin analisa esse pensamento questionando se nas sociedades ditas primitivas não existem/existiram formas hierárquicas de poder e dominação, desigualdades, mazelas e formas de corrupção, o que se contrapõe aos argumentos primitivistas.

Ao final desse texto, Bookchin realiza uma avaliação do anarquismo de estilo de vida à luz das críticas às correntes supracitadas. É destacada a valorização do imediatismo e a recusa da reflexão, do planejamento a médio e longo prazos e da visão de sociedade do pensamento libertário. As ideias fantasiosas, místicas, individualistas/personalistas e primitivistas somente contribuem, segundo ele, para desmobilizar o anarquismo, caricaturá-lo e esvaziar de espírito socialista seu conteúdo. Em seguida, aborda o que ele chama de *comunalismo democrático* – o anarquismo social a serviço da administração majoritária da esfera pública. O compromisso com a proposição de respostas aos problemas sociais e o espírito de uma democracia radical são o mote de uma sociedade libertária, onde o poder, que sempre existiu e sempre existirá, pertencerá ao coletivo em uma democracia devidamente institucionalizada.

O texto seguinte, “A esquerda que se foi”, vem a complementar as reflexões de “Anarquismo social ou anarquismo de estilo de vida...”. Aqui, Bookchin resgata aspectos considerados por ele inspiradores e essenciais para a esquerda, e que com o passar do tempo foram em grande parte deixados de lado. O compromisso com o *social*, a independência política, o espírito revolucionário e a oposição ao capitalismo são virtudes apontadas pelo autor como fundamentais, atribuindo à esquerda sua distinção de outras correntes. O estatismo / nacionalismo, o nihilismo sob a égide do pós-modernismo e diferentes provincianismos, além propriamente do individualismo criticado no texto anterior, foram pontos em que a esquerda tradicional apresentou um recuo qualitativo, um verdadeiro retrocesso em matéria de pensamento social crítico. Nesse sentido, Bookchin aborda o internacionalismo e o espírito confederalista que animaram grande parte da esquerda no século XIX e início do século XX, destacando suas características universais onde as fronteiras estatais eram vistas como obstáculos ou amarras. É retomada a distinção entre as visões marxiana (e posteriormente marxista), e anarquista (notadamente a partir de Bakunin) em relação aos nacionalismos e quanto à democracia – vista pelos anarquistas como um dado substancial na organização social. O antimilitarismo, por sua vez, é distinguido do pacifismo ingênuo na medida em que seria necessário armar o movimento popular para assegurar a democracia direta e defendê-la do aparato repressor do Estado.

Com a Primeira Guerra Mundial, o internacionalismo da esquerda foi esvaziado em detrimento de nacionalismos e patriotismos, onde

foi concedido apoio ao militarismo e à defesa dos respectivos Estados nacionais. No contexto da Guerra Fria, Bookchin questiona o caráter antiimperialista adotado por parte da esquerda, posto que esse antiimperialismo fomentaria o etnocentrismo e o surgimento de mais aparelhos de Estado.

Bookchin faz uma reflexão sobre as virtudes da *esquerda que se foi*, propondo uma retomada de suas características anticapitalistas e militantes para a transformação social radical, mas recontextualizando-a para o mundo contemporâneo. O reformismo, o nacionalismo, o individualismo e o etnocentrismo, dentre outros aspectos, devem ser combatidos e substituídos por princípios elementares próprios de uma esquerda de cunho libertário, como o internacionalismo, a democracia e o confederalismo.

Nesse livro, Murray Bookchin nos instiga a refletir sobre ideias e práticas que emergiram ao longo do século XX e que descaracterizam alguns dos princípios mais elementares da esquerda libertária. As orientações individualistas, mistificadoras da ordem social, antitecnológicas e anticivilizacionais, o primitivismo, o hedonismo e a falta de conteúdo social são, segundo o autor, responsáveis por tal descaracterização. No decurso do livro, depreende-se que o autor não realiza uma simples exaltação de um passado “glorioso”, uma vez que as críticas a esse passado permeiam o corpo do texto. Porém, os princípios democráticos, internacionalistas e confederalistas devem ser revigorados, recontextualizados e servir de aporte para essa (re)construção do pensamento libertário socialmente comprometido com o combate tanto ao

capitalismo quanto ao socialismo burocrático
advindo do marxismo.